Gabriel Souza Martins Juncal [Pôster]

Novas formas de ação sindical transnacional: redes e acordos globais nos setores de comércio e serviços (sindicatos bancários)

Este estudo é parte de uma pesquisa sobre redes sindicais em empresas transnacionais e Acordos Marco Globais coordenada pelo Prof. Dr. Leonardo Gomes Mello e Silva. A pesquisa identificou o surgimento de redes sindicais na indústria, especialmente nos setores químico e metalúrgico, como uma importante inovação no sindicalismo brasileiro. Articuladas com o sindicalismo global, particularmente com a Federação Sindical Global IndustriALL Global Union, e apoiadas na assinatura de Acordos Marco Globais, essas redes foram capazes de conectar sindicatos locais que, até então, operavam isoladamente. Desafiando a fragmentação característica do sindicalismo brasileiro, organizado por meio de milhares de sindicatos locais autônomos, as redes globais favoreceram também a articulação nacional e passaram a exercer pressão conjunta sobre as empresas transnacionais para além do local, unindo inclusive sindicatos ligados a centrais sindicais diversas. Por meio de uma atuação multiescalar, a introdução das redes fortaleceu a capacidade de negociação dos representantes locais em contato direto com as fábricas. Em alguns casos, as redes permitiram alcançar espaços de negociação com empresas transnacionais nas escalas nacional e internacional, o que não é um desenvolvimento trivial. As redes químicas e metalúrgicas tendem a perseguir uma “democracia industrial internacional” inspirada pelas relações de trabalhos europeias baseadas na ideia de “parceria social” (social partnership) que é traduzida, no contexto brasileiro, para o paradigma do “diálogo social”, inspirado por sua vez pelo modelo da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Apesar desses avanços, as redes sindicais enfrentam desafios importantes. Nos setores químico e metalúrgico, o principal deles é a dificuldade em expandir a sua influência para toda a cadeia de produção das empresas transnacionais. Essa característica pode ser explicada pelo fato de que, após sucessivas reestruturações produtivas, as empresas transnacionais nesses setores transferiram grande parte da produção para empresas fornecedoras e terceirizadas e passaram a concentrar um número menor de trabalhadores sob seu controle direto, notadamente nas atividades que empregam mais tecnologia e oferecem melhor remuneração e condições de trabalho. Uma vez que essas atividades são críticas para o processo produtivo, um número de empresas transnacionais aceita a representação das redes no que diz respeito a essa parcela da força de trabalho e admite, com certas restrições, à realização de negociação coletiva para além do que é previsto na legislação (ou seja, para além do local). As empresas transnacionais resistem, no entanto, à expansão dessas práticas para toda a cadeia de produção. A consequência é que, apesar dos esforços dos sindicalistas para superar essa situação, as redes sindicais investigadas têm dificuldade para atingir os trabalhadores da parte mais precarizada da cadeia de produção, e que sofrem de forma mais grave problemas como a baixa remuneração, problemas de saúde e insegurança no mercado de trabalho.

Os avanços e desafios identificados nas redes formadas por sindicatos químicos e metalúrgicos, como se pode ver, estão ligados diretamente à organização da produção e do trabalho nas empresas transnacionais que atuam nesses setores. A análise dessas redes, portanto, revela apenas parcialmente a experiência do sindicalismo global em atuação no país. Para que seja possível estabelecer um quadro completo, é preciso investigar também a experiência dos sindicatos que atuam em outros setores da economia, como aqueles que se organizam em empresas ligadas aos serviços e ao comércio. O mapeamento prévio da atuação do sindicalismo global no Brasil revela que, no setor de comércio e serviços, em cooperação com a

Federação Sindical Global UNI Global Union, os sindicatos comerciários e bancários foram os que colocaram em movimento o maior número de redes sindicais em empresas transnacionais. Hoje, há representação nacional nas redes internacionais estabelecidas em importantes corporações transnacionais como os bancos Itaú e Santander, além de empresas do comércio como Walmart, Carrefour e McDonald's, entre outras.

Portanto, a hipótese que justifica esta pesquisa é a de que a investigação da organização sindical nos setores de comércio e serviços tornará possível explorar outras formas de organização do trabalho e de ação sindical, o que possibilitará uma análise mais completa sobre atuação do sindicalismo global no Brasil. Ao contrário dos setores metalúrgico e químico, cuja ação sindical voltada para a organização dos trabalhadores nas fábricas estão vinculadas a práticas mais tradicionais e bem estabelecidas, a literatura especializada tem identificado nos setores bancários e comerciários inovações importantes, como o recurso a campanhas globais que visam denunciar ao público as violações trabalhistas nessas empresas. Além disso, há diferenças consideráveis da organização do trabalho nesses setores em relação à indústria. Notavelmente, os postos de trabalhos oferecidos por grandes redes de supermercados e restaurantes fast-food são associados, em grande parte do mundo, com o emprego jovem, de alta rotatividade e remunerado ao nível do salário mínimo. No caso dos trabalhadores bancários, a automatização de tarefas por meio de novas tecnologias como os aplicativos de celular e o internet banking, além da transferência de parte do trabalho bancário para operadores de teleatendimento, têm exercido pressão considerável sobre esses trabalhadores. Tratam-se de questões importantes tratadas pelos sindicatos organizados em rede nesses setores.

Nesse sentido, os objetivos aqui são os seguintes: 1) Mapear os Acordos Marco Globais e as redes sindicais em atuação no setor dos serviços no Brasil, especialmente no setor bancário; 2) Analisar a atuação do sindicalismo global através de escopos de atuação e organizações diversas, desde os sindicatos locais, federações estaduais e nacionais, até os sindicatos globais, especialmente a FSG UNI Global Union; 3) Comparar as experiências investigadas com aquelas encontradas na indústria, a fim de estabelecer uma leitura mais geral da atuação do sindicalismo global no Brasil.